Guardar o sábado: como?

Anotações sobre Mc 2,27

Estamos acostumados, até por nossa história de país subjugado, com raças e culturas reprimidas, a pensar em "lei" como algo estático, definido, preestabelecido, consensual, a que se deve observância incondicional. Pouca atenção se dá a buscar entender as razões desta ou daquela lei, quais suas origens, a que interesses responde, etc. No que diz respeito às leis e prescrições religiosas, esse caráter de imobilidade e imutabilidade se confunde com a própria imagem da divindade, que teria sido a fonte de tais preceitos.

Este estudo tem a finalidade de, modestamente, possibilitar uma percepção de como, na verdade, pouco existe de indiscutível quando o assunto é a convivência social com suas "regras". Certamente o contexto que vivemos é propício para tais considerações, quando assistimos à descarada manipulação das leis constitucionais em benefício dos grupos social e economicamente sempre privilegiados, com o recurso cínico e vergonhoso ao "é dando que se recebe".

Também as leis e mandamentos emitidos pelas instâncias religiosas, normalmente aquelas que detêm (ou pretendem monopolizar) o poder sobre o sagrado, precisam ser considerados para além de sua pretensão de perenidade. Toma-se aqui como objeto particular de consideração o dito atribuído pelo evangelho de Marcos a Jesus: "o sábado foi feito por causa do (ser) humano e não o (ser) humano por causa do sábado" (Mc 2,27).

Pensamos que devemos propor alguns passos na reflexão. Primeiramente, notamos que este dito se insere numa cena maior, narrada em Mc 2,23-28. Justifica-se este procedimento, de isolar uma frase de seu contexto imediato? Buscaremos responder a esta questão e só então estabeleceremos algumas pistas para a compreensão de Mc 2,27, inserindo-o depois no contexto da cena que lemos em Mc 2,23-28. Não nos importará aqui, portanto, a perícope de Mc 2,23-28, mas o lugar de Mc 2,27 nela.

1. Mc 2,27 DESVINCULADO DE 2,23-28?

Em primeiro lugar é necessário responder a uma pergunta: cabe considerar isoladamente Mc 2,27? Este dito de Jesus está inserido na cena em que Jesus discute com os fariseus a partir do fato da coleta de espigas, pelos discípulos, em dia de sábado (Mc 2,23-28). Uma leitura rápida levaria a concluir que a frase em questão só se entenderia, então, como parte do desenrolar da polêmica que é narrada. Jesus, pelo fato de considerar o ser humano a razão de ser do sábado, estaria justificando, com este dito, a atitude dos discípulos.

Mas uma observação vem suscitar um questionamento: as cenas paralelas em Mt 12,1-8 e Lc 6,1-5, que narram o mesmo episódio das espigas, não trazem o dito sobre a razão de ser do sábado. Mateus a substitui por uma argumentação sobre as funções dos sacerdotes no sábado e por um recurso a Os 6,6 (Mt 12,5-7). Lucas simplesmente omite a frase.[1] Para Mateus e Lucas a perícope pode existir sem o dito. Assim, a resposta fundamental ao questionamento dos fariseus estaria, também em Marcos, na menção a um episódio da vida do líder rebelde Davi (Mc 2,25 par.; cf. 1Sm 21,1-7). O exame do aparato crítico do *Novum Testamentum graece*, edição conhecida como Nestle-Aland[2], confirma de forma contundente que esta frase é exclusivamente parte do texto de Marcos, e que não houve a tendência de harmonizar com ele os textos paralelos de Mateus e Lucas.

Além disso, deve-se notar que a sentença em Mc 2,27 é antecedida por um "e lhes dizia", de caráter claramente introdutório, semelhante às introduções aos ditos de Jesus que encontramos, por exemplo, no evangelho de Tomé. Por outro lado, esta formulação introdutória é muito utilizada por Marcos, para dar outro rumo à narrativa ou apresentar novo conteúdo (4,21.24.26.30; 6,10; 7,9; 9,1).

Pode-se ainda tecer outra observação: desde Martin Dibelius e Rudolf Bultmann[3], pelo menos, se tem notado que no gênero literário de Mc 2,23-28 (chamado por Bultmann de "apoftegma"[4]), a cena descrita é mais uma montagem artificial (o que não quer dizer irreal, fantasiosa), uma moldura para inserir o dito do mestre, mais do que o seu local histórico. A cena tem a função de incorporar o dito e propor-lhe uma orientação de significado específica. O dito, porém, pode e deve

1. Este estudo tem por pressuposto a chamada teoria das duas fontes, segundo a qual Marcos, o evangelho mais antigo, foi utilizado, junto com um outro escrito chamado pelos estudiosos de "Q", por Mateus e Lucas na composição de seus respectivos evangelhos.

2. 26ª ed., Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1979.

3. Dois importantes exegetas de nosso século, responsáveis, por volta dos anos 20, pela introdução do método da "crítica das formas", aplicado a textos do Novo Testamento.

4. Narrativa em que um episódio é apresentado como cenário para uma palavra significativa e decisiva, no caso, de Jesus. Trata-se, então, de uma construção literária que gira em torno de uma sentença ou dito de Jesus. Os estudiosos das formas literárias no Novo Testamento têm mostrado como o apoftegma tem características peculiares: ausência de referências quanto ao local da cena; ênfase em aspectos coletivos; prioridade do racional sobre o sobrenatural; traz uma palavra astuta, quase sempre de crítica à ordem estabelecida e com papel regulador para a prática da comunidade (cf. THEISSEN, Gerd. *The gospels in context. Social and political history in the synoptic tradition.* Fortress Press, Minneapolis, 1991, p. 112-122.

transcender a circunstância episódica em que ele está inserido. Esta serve como cena de enquadramento, contextualização, aplicação do dito. Mas este é potencialmente mais amplo.

Parece, portanto, que nos defrontamos, em Mc 2,27, com um dito originalmente independente da cena descrita em Mc 2,23-28. Trata-se de um dito que foi incorporado à cena das espigas recolhidas indevidamente. Assim cremos que se justifica o exercício de ler Mc 2,27 para além de seu contexto imediato, a cena descrita em Mc 2,23-28. Marcos terá sido, então, o responsável pela inserção do dito no conjunto da perícope. E, digamos de passagem, fê-lo com muita propriedade. Quem sabe esta leitura que aqui proporemos de Mc 2,27 forneça luzes para a leitura de Mc 2,23-28... Tratemos, portanto, de considerar o dito e buscar sua compreensão.

2. Mc 2,27: UM PROVÉRBIO DA SABEDORIA POPULAR

Cabe inicialmente uma consideração sobre a tradução que propomos do dito. Em vez do costumeiro "o sábado foi feito para...", traduzimos "o sábado foi feito por causa do (ser) humano, e não o (ser) humano por causa do sábado". O que está em jogo aqui é a preposição, que no original grego tem sentido claramente causal (por causa de) e não de finalidade (para). Tal diferenciação tem sua importância, como veremos. E, em lugar do convencional "homem", de cunho exclusivamente masculino, propomos "(ser) humano", mais condizente com o abrangente "ánthropos" grego.

Tratemos de considerar agora a forma como o dito se apresenta. Trata-se de uma sentença proverbial, como tantas que lemos nas Escrituras hebraicas, provenientes da sabedoria popular que se posiciona sobre as diversas realidades da vida cotidiana.[5] Aqui temos um provérbio que se compreende a partir da importância que o sábado tinha para a vida de Israel. Esta sabedoria que se expressa em ditos mais ou menos longos (todos eles caracterizados como "maxal", no hebraico) é abundantemente presente no Novo Testamento, particularmente nas parábolas e sentenças de Jesus. O papel destes ditos é normalmente o da crítica, o da sátira, o da provocação a convenções, a regras e comportamentos preestabelecidos, sugerindo novas compreensões ou atitudes frente à realidade. Sendo assim, tais ditos podem ter aplicações variadas, dependendo dos contextos em que eventualmente estiverem inseridos.[6] Nosso provérbio se insere dentro destas características, como víamos antes: não paira sobre as circunstâncias, mas não se "amarra" a nenhuma delas.

Mas, antes de buscar seu sentido, devemos notar que nosso dito é, na verdade, formado de duas orações (o sábado foi feito por causa do (ser) humano/ e não o (ser) humano por causa do sábado), sendo que a segunda é feita de uma

5. Para fundamentar esta compreensão da sabedoria em Israel, cf. WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. Edições Paulinas, São Paulo, 1987, p. 84-86.

6. Para exemplo de como um mesmo dito pode ter aplicações variadas, dependendo de seu contexto literário, podem-se comparar as funções de Mc 4,25 e Mt 25,29 em suas respectivas perícopes.

negação que vem reafirmar o que a primeira propõe. Trata-se de um recurso poético muito comum na literatura hebraica, chamado pelos estudiosos, de forma pouco exata, de "paralelismo antitético". Na verdade o que temos é uma reiteração pela repetição! A segunda oração até omite o verbo, facilmente identificável pelo recurso à primeira. Evidentemente o acento principal está na primeira oração do provérbio. É aí que se encontra sua incidência mais expressiva.[7] O que não quer dizer que a segunda oração não tenha sua característica, a da controvérsia. É por ela que percebemos que o ambiente vital deste provérbio é o do debate em torno de práticas concretas. Nosso provérbio marca posição. Cabe agora precisar quais os contornos de seu contexto.

Trata-se, evidentemente, de uma tomada de posição frente à Lei e à piedade judaicas. Temos aqui uma radicalização (e não uma flexibilização!) de uma perspectiva fundamental da tradição judaica: o sábado.

E aqui é necessário ter clareza sobre o terreno em que estamos pisando. Costuma-se dizer, com bastante freqüência, que Jesus, nesta e em outras passagens, estaria desqualificando o sábado e, por extensão, desdenhando todo o conjunto da tradição judaica. Apresenta-se normalmente Jesus como absoluto inovador, criador de algo totalmente novo, desprezando todo o passado vivido pelo povo. Este Jesus se mostra alheio e contrário a tudo o que foi vivido pelo povo em meio ao qual nasceu e viveu. Esta tendência se insere dentro do quadro, bastante tradicional, de desvincular Jesus de seu contexto, particularmente de seu povo. Além do anti-semitismo implícito mas latente, que revela mais uma vez a arrogância cristã, o que temos aí é um completo desrespeito pelo fator histórico. Uma pretensa oposição radical entre Jesus e as tradições de seu povo só pode levar a uma conclusão, aparentemente inconcebível: o quanto tais tradições eram importantes para ele e seus seguidores![8]

Na verdade, parece-nos que a perícope de Mc 2,23-28 e, mais especificamente, o dito de Mc 2,27, antes que sugerir o abandono da tradição das Escrituras, apontam para uma perspectiva contrária. Jesus não está desqualificando o sábado. Está interpretando-o!

E aqui cabe recordar, pelo recurso a textos da literatura judaica contemporânea ou anterior aos textos do Novo Testamento, que o sábado era reconhecido unanimemente mas compreendido diversamente nos diversos grupos sociorreligiosos do Israel de então. Se o sábado (palavra hebraica que significa "descanso") tem nas Escrituras várias razões a motivá-lo (o desgaste do trabalho segundo Ex

7. Talvez seja por isso que vários manuscritos antigos trazem nosso provérbio apenas com a primeira oração. Cf. o aparato crítico de Mc 2,27 em ALAND, Kurt. *Synopsis quattuor evangeliorum*. 13 ed., Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1988, p.66.

8. Só em textos tardios é que se classificará Jesus como alguém que "não observa o sábado" (Jo 5,18; 9,16). Estes textos, porém, devem ser entendidos à luz do distanciamento progressivo da comunidade cristã joanina em relação à sinagoga devido a circunstâncias da realidade histórica de Israel após o ano 70 dC. Para mais detalhes sobre esta questão, consultar BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*. Edições Paulinas, São Paulo, 1984; WENGST, Klaus. *Interpretación del evangelio de Juan*. Ediciones Sígueme, Salamanca, 1988.

23,11 e 34,21, a que se associa a ênfase na criação em Gn 2,2-3 e Ex 20,8-11; a memória e a negação da escravidão em Dt 5,12-15[9]), nos tempos do judaísmo tardio do segundo Templo o sábado será um marco fundamental, ao mesmo tempo social e religioso, na vida do povo. O Livro dos Jubileus, obra do final do século II aC e proveniente de círculos próximos aos responsáveis pelos manuscritos de Qumran[10], apresenta um texto precioso que mostra como um determinado grupo dentro da sociedade judaica elevou o preceito do sábado a uma categoria ímpar.[11] Os essênios também tinham uma compreensão muito rigorosa da observância do sábado, a ponto de Flávio Josefo afirmar que eles "honram a festa do sábado mais particularmente e com mais diligência que todos os outros judeus".[12] O *Documento de Damasco*, descoberto em Qumran, tem em duas de suas colunas (10 e 11) diversas prescrições a respeito da observância do sábado.[13] Para outros o sábado é o dia consagrado ao estudo e meditação da Torá.[14] Entre os rabinos e escribas fariseus havia debates acalorados sobre o que se podia ou não fazer no sábado, sendo a escola de Shammai mais rigorosa que a de Hillel. Esta diversidade na compreensão do sábado tinha, também, contornos dramáticos: foi necessário que acontecesse um massacre entre as tropas para que os guerrilheiros macabeus decidissem lutar em dia de sábado contra os selêucidas (1Mc 2,29-41)!

Assim, deve-se pensar num judaísmo amplamente plural (essenismo, farisaísmos, movimentos proféticos, escatológicos, messiânicos)[15], dentro do qual emerge o movimento de Jesus.[16] E a sentença atribuída a Jesus só adquirirá sua compreensão adequada se a percebermos como uma entre diversas possibilidades de se compreender e vivenciar o sábado. E mais: o texto de 1Macabeus acima citado mostra que nosso provérbio não é a única nem a primeira expressão de entendimento do sábado que o subordina às necessidades vitais dos seres humanos concretos.

9. Para uma exposição das diversas características que o sábado foi tomando no decorrer da história de Israel, consultar SCHWANTES, Milton. "E no sétimo dia descansou" (Gn 2,2) – Anotações sobre dívida externa à luz da Bíblia. In: *Contexto Pastoral*. Campinas, 1992, v. 2, n. 9, p. 10-17.

10. ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Edições Paulinas, São Paulo, 1981, p. 135.

11. Ler texto em MUSSNER, Franz. *Tratado sobre os judeus*. Edições Paulinas, São Paulo, 1987, p. 116-117; parcialmente conservado em Qumran: cf. GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Editora Vozes, Petrópolis, 1995, p. 282.

12. *Guerra dos Judeus*, livro II.

13. Ler o texto em GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos...*, p. 83-84.

14. Ler texto em MUSSNER, Franz. *Tratado...*, p. 118.

15. Ver nesse sentido a segunda parte do livro de John D. CROSSAN, *O Jesus histórico* (Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, p. 125-259), que se situa na esteira do indispensável estudo de Richard A. HORSLEY e John S. HANSON, finalmente lançado em português (*Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. Paulus, São Paulo, 1995).

16. É mérito de Gerd Theissen ter chamado a atenção para as diversas facetas da interação entre o movimento de Jesus e a dinâmica multifacetária do judaísmo que lhe era contemporâneo (*Sociologia do movimento de Jesus*. Editora Sinodal/Editora Vozes, São Leopoldo/Petrópolis, 1989, p. 66-79).

O que pensar, portanto, do provérbio? Ele afirma que o sábado só tem razão de ser a partir da vida e das necessidades das pessoas. Ele só tem serventia se for para as pessoas, para a comunidade. As pessoas precisam do sábado, por isto ele foi feito. O provérbio relativiza, portanto, compreensões ritualísticas do sábado, subordinando-as à perspectiva que considera fundamental, a das necessidades concretas, materiais, vitais das pessoas. Poderíamos ver aí um distanciamento frente a práticas como a dos essênios ou a prescrições da escola de Shammai que, como vimos, não eram consensuais entre todos os grupos do povo judeu.[17]

E nem nesta perspectiva o movimento de Jesus é absolutamente único. Temos um dito rabínico que assim diz: "é a vós que o sábado foi dado, e não vós ao sábado".[18] A semelhança com nosso provérbio é impressionante. Embora neste dito rabínico apareça uma certa prioridade do sábado sobre o ser humano, fazendo supor, em tese, que o sábado poderia existir independentemente das pessoas, encontramos nele a mesma perspectiva que lemos em Mc 2,27: a subordinação do sábado às necessidades do ser humano é igualmente radical. E, em última análise, esta justificativa para a existência do sábado se percebe claramente nos textos de Gênesis, Êxodo e Deuteronômio que citamos acima. Nosso texto se entende, portanto, como um alerta frente a tendências legalistas e ritualísticas que, próprias de alguns grupos, obscureceriam o sentido profundamente humano e vital da experiência do sábado. Isso de modo algum significa negar o sábado, nem propor-lhe uma compreensão, digamos, "liberal" ou relaxada; pelo contrário, implica não absolutizar o sábado, nem isolá-lo de seu mais profundo sentido, sua razão de ser: a vida de todo homem e mulher, de toda a comunidade humana. E assim o sábado pode recuperar todo o seu potencial, de memória da escravidão, de celebração da libertação, de instigador para a construção de novas situações de liberdade.

Poderíamos acrescentar uma última observação, a título de conclusão desta parte de nosso caminho: o termo "sábado" da primeira oração parece estar carregado de seu sentido etimológico (descanso); é a partir desta compreensão que o texto adquire sua maior pertinência. O descanso, o repouso, o lazer, tudo isso existe para as pessoas e o trabalho e sua dinâmica não podem funcionar como "rolo compressor" destas dimensões indispensáveis para uma vida verdadeiramente humana. Evidentemente, o provérbio não está discutindo apenas o sentido de um dia determinado. Já o "sábado" da segunda oração tem o sentido convencional, de dia especial, portador de exigências e prescrições, às quais o texto nega qualquer autoridade sobre as necessidades reais e concretas das pessoas.

Da lei, unívoca e autoritariamente compreendida, fica muito pouco ou nada...

17. CHARLESWORTH, James H. *Jesus dentro do judaísmo*. 3ª ed., Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992, p. 79-81.

18. STRACK, Hermann L. und BILLERBECK, Paul. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash*. 2ª ed., C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, München, 1983, v. 2, p. 5. Apesar de ser apresentado como provérbio de um rabino que viveu por volta de 180 dC, ele poderia provir da época dos macabeus (GNILKA, Joachim. *El evangelio según san Marcos*. Ediciones Sigueme. Salamanca, 1986, v. 1, p. 143. Ver aí a nota 276).

3. O PROVÉRBIO DE Mc 2,27 DENTRO DO TEXTO DE Mc 2,23-28 e à LUZ DO EVANGELHO DE MARCOS

Aqui seguem apenas alguns elementos para a leitura de Mc 2,23-28 à luz do que foi apresentado sobre Mc 2,27.

Quando lemos Mc 2,23-28 logo notamos o caráter concreto, material da questão que a cena apresenta: a fome, que quebra padrões, regras e preceitos que perderam de vista sua razão humana de ser. Marcos sabe que nosso provérbio não trata sobre questões filosóficas ou teóricas!

A perícope, claramente, tem em vista a prática da comunidade seguidora de Jesus. É a atitude dos discípulos que está sendo questionada. Busca-se uma justificativa para ela. Mas o que está em jogo no questionamento feito: o sábado ou o que se poderia chamar de "apropriação indevida"?

Ficou claro, por tudo que já foi exposto, que consideramos Marcos o responsável pela inserção do v. 27 na perícope em questão. Esta constatação traz, inevitavelmente, outra: a de que o v. 28 só tenha sua existência aí a partir de sua dependência do v. 27.[19] Assim sendo, a perícope originalmente teria os contornos próximos a Mc 2,23-26. A prática da comunidade que é objeto de questão é, fundamentalmente, a que visa suprir a fome. Não é a violação do sábado. Mostra-o bem a resposta de Jesus, mencionando um episódio referente ao líder rebelde Davi, que se apropria de pães que não lhe cabiam.[20]

Sendo assim, a inserção do v. 27 (e 28) no conjunto da perícope representou para esta uma inflexão diferenciada. A fome não apenas sujeita as prescrições da vida social. Põe abaixo também as regras religiosas! A perícope mostra como a comunidade age consciente do lugar das pessoas na sociedade e dos mecanismos que promovem a fome: "a sabedoria popular faz sua profecia denunciando a inversão de práticas vitais. As instituições oficiais são o alvo desta profecia. É o sistema religioso que está sustentando a desigualdade e reprimindo o direito dos necessitados".[21]

Marcos, então, recolhe o provérbio de 2,27 como uma advertência contra a contínua e renitente, antiga e sempre nova tentação de se instituir regras e ritualizações que levem a um legalismo que acaba sufocando as pessoas.[22] Parece

19. Sabemos que esta opinião é passível de discussão. Afinal de contas, Mateus e Lucas têm, em seus textos, o correspondente ao v. 28 de Marcos sem terem o correspondente ao v. 27. Porém pensamos, com John D. Crossan, que isso se deve mais a uma postura deliberada de Mateus e Lucas, de omitir um dito de tamanhas possibilidades de aplicação (*O Jesus histórico.* Imago Editora, Rio de Janeiro, 1994, p. 293).

20. Também aqui nos afastamos da opinião corrente, que centra o episódio na questão do sábado (BULTMANN, Rudolf. *L'histoire de la tradition synoptique. Suivie du complément de 1971.* Éditions du Seuil, Paris, 1973, p. 31; GNILKA, Joachim. *El evangelio...*, p. 142).

21. BRANCHER, Mercedes. A necessidade abre caminho. In: *Mosaicos da Bíblia*. São Paulo, 1994, n. 13, p. 34.

22. "Não pode ser expressão da vontade de Deus uma lei que proíba as pessoas de satisfazerem uma das necessidades mais elementares, que é a fome" (HOEFELMANN, Verner. A crítica de Jesus à Lei como opção pelos marginalizados. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1990, n. 27, p. 57.

que o próprio Marcos percebeu a extrema redicalidade do provérbio que recolheu, a ponto de buscar reduzir seu impacto pelo acréscimo de 2,28, onde o Filho do Homem, embora originalmente pudesse ser sinônimo de "humano", tem significação claramente cristológica. Porém esta dimensão cristológica não pode ser a única, já que não se ajustaria à perspectiva de fundo do texto, que busca justificar uma prática da comunidade! Ou então temos de repensar a cristologia: Jesus só é senhor do sábado a partir de uma comunidade que já o é e o experimenta! E Jesus só pode ser reconhecido como senhor do sábado porque é humano![23]

Pedro Lima Vasconcellos
Rua Isola Belli Leonardi, 32 – Vila Dolores
06694-170 Itapevi – SP

23. Ver as considerações que tece John D. CROSSAN (*O Jesus histórico...*, p. 293-294).